



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ENTRE A GALILEIA E O VÉU: UMA ANÁLISE DO NORDESTE DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Rayan Fernandes Pereira

Universidade Federal de Campina Grande

rayanprofhistoria@gmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com a delimitação usualmente aceita, a região nordestina comporta nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Dizer isso, entretanto, é naturalizar uma região que, antes de qualquer coisa, é dotada de historicidade.

Isto pode ser percebido na grande quantidade de pesquisas e trabalhos dedicados aos mais diferentes aspectos (sociais, políticos, econômicos e culturais) deste território. Ao lado de toda esta produção acadêmica, destacam-se uma série de representações artísticas escritas sobre e na região.

Estes produtos culturais possuem uma importante relação com a própria formação da região. Neste sentido o primeiro objetivo deste artigo é analisar a relação entre a literatura regionalista de 30 o Nordeste, demonstrando – ainda que de maneira breve- como a mesma foi responsável pela construção de um imaginário a respeito da mesma.

Em um segundo momento iremos nos dedicar a pensar as formas pelas quais o escritor Ronaldo Correia de Brito escreve seus livros indo na contraposição deste imaginário, combatendo o mesmo

IMAGINANDO O NORDESTE

Este é um trabalho sobre o nordeste brasileiro e, diante disso, faz-se necessário defini-lo. Esta não é uma tarefa fácil uma vez que existem disputas sobre a própria definição do conceito de região : Geógrafos, sociólogos, economistas e outros cientistas





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

disputam o direito de delimitar o que é uma região. (BOURDIEUR, 1989). Em que pese a multiplicidade de caminhos possíveis, nosso olhar será pautado pela história. Neste sentido uma pergunta é posta quase que de imediato: Como surgiu o Nordeste?

Em um trabalho já clássico o historiador Durval Muniz de Albuquerque define a região como “[...] uma identidade espacial, construída em um preciso momento histórico, final da primeira década do século passado e na segunda década, como produto do entrecruzamento de práticas e discursos regionalistas” (ALBURQUEQUE, 2011, p.33)

Neste sentido, o discurso

[...] não mascara a verdade da região, *ele a institui*. Ele, neste momento, não faz mais parte da mimese da representação que caracterizava a episteme clássica e que tomava o discurso como cópia do real, na modernidade este discurso é regido pela mimese da produção em que os discursos participam da produção de seus objetos, atua orientado por uma estratégia política, com objetivos e táticas definidos dentro de um universo histórico, intelectual e até econômico específico. (ALBURQUEQUE, 2011, p.62).

Para o autor a repetição de enunciados e discursos a respeito da região inventaram-na como um lugar da saudade – da sociedade colonial, da casa grande, e, às vezes, da senzala-, da revolta, da seca e da persistência de práticas arcaicas ligadas à tradição, ao patriarcalismo e etc. Em seu livro ele analisa as interpenetrações entre a história, a sociologia, a música e a pintura expondo como, em sua opinião, as artes tiveram um papel preponderante na construção e divulgação da imagem da região.

Reconhecendo a importância da pesquisa, nos propomos, entretanto, a visualizar o nosso objeto de estudo de outro modo. Em nossa opinião o Nordeste pode ser pensado enquanto um “imaginário social”. Seguindo a sugestão de Sandra Jatahy Pesavento em seu texto “Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário” (1995), iremos iniciar nossa discussão a respeito do imaginário partindo da noção de representação. Segundo Roger Chartier o conceito de representação é fundamental nos estudos históricos contemporâneos que versam sobre a cultura. O historiador francês bebe da fonte de diversos estudiosos para estudar, entre outras coisas, o antigo regime a partir de seus textos e representações literárias. (MACHADO,2016)





De maneira simples é possível afirmar que as representações referem-se às “[...] classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real” (CARVALHO, 2005, p.149). Ou seja, são as diversas maneiras pelas quais os agentes percebem e dizem o mundo que os cerca.

Conceituar as representações desta forma não significa dizer que seu estudo deve ser feito pensando o cultural enquanto instancia separada do social. Pesavento, citando indiretamente Castoriadis, defende que as “[...] representações teriam, [...], um fundo de apoio na concetricidade das condições reais de existência. Ou seja, as idéias-imagens precisam ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido para que tenham aceitação social, para que sejam críveis” (1995, p.22)

O diálogo entre a subjetividade do criador e a estrutura social é abordado por Chartier em diversos de seus escritos. O historiador francês defende que a literatura não é um reflexo das estruturas sociais nem está, ao mesmo tempo, completamente apartada destas. Trava, nesta perspectiva, uma *negociação* com o mundo concreto estabelecendo “[...] um intercâmbio entre, de um lado, criador e, de outro, instituições e práticas da sociedade” (NAVARRETE, 2011, p.33)

Esta relação foi levada ao extremo na década de 30 do século passado. Segundo Cândido (2008) os anos 30 são marcados pela troca harmoniosa entre literatura e estudos sociais. Isto é ainda mais visível nas obras da segunda geração modernista, os chamados regionalistas. Estes escritores nordestinos compuseram seus romances visando tratar de dramas populares característicos da região.

Visão contrária à esta é apresentada pelo historiador Durval Muniz Alburquerque, já citado neste artigo. Para o historiador

[...] o que se diz da região não é o reflexo do que se vê na e como ‘região.’ Os dois regimes de enunciação possuem uma independência, as palavras e as coisas são independentes [...] o que emerge como visibilidade regional não é representado, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele. (ALBURQUERQUE, 2011, p.59)

Discordamos destas considerações pois, seguindo Nicolau Sevcenko, acreditamos que “Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sociedade e seu tempo. E é destes que eles falam” (1989,p.22).

Ao falar sobre sua “sociedade e seu tempo” a literatura acaba atuando, de maneira direta ou indireta, sobre estes. Literatura e sociedade se influenciam mutuamente, e esta produz efeitos práticos sob o indivíduo “[...]modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.” (CÂNDIDO,2006 p.29)

Mais do que representar o real, as representações agem sobre este influenciando a mente dos homens- de maneira individual ou social- e condicionando suas práticas. São ainda mais eficazes quando, ao se articularem, dão origem a um imaginário. Com efeito é possível, de acordo com o historiador Bronislaw Baczko, definir imaginário como “[...] um conjunto de representações coletivas e ideias imagens formuladas socialmente” (ESPIG, 2003,p.52).

Definição semelhante é encontrada em Pesavento quando a autora afirma que o imaginário é um “sistema de ideias-imagens de representações coletivas”. (1995,p.19). Mais importante ainda é destacar que, segundo a historiadora, “A sociedade é instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real” (1995,p.16)

Diante de tais definições acredito ser possível pensar que o Nordeste, enquanto região, foi instituído imaginariamente. Partimos do pressuposto de que as múltiplas representações formuladas a respeito da região, especialmente a literatura regional de 30, formaram um sistema de ideias-imagens a respeito da mesma.

Enquanto conjunto de representações, o imaginário atua na maneira pelas quais os homens veem o mundo e a si mesmos. Neste sentido, ao mesmo tempo em que o discurso regionalista instituída uma imagem sobre a região, representava (e criava) uma identidade para o seu habitante.

Bourdieu defende que o sucesso do discurso regionalista depende, ao mesmo tempo, do grau de autoridade de quem o enuncia assim como do grau em que este





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

[...] está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum pois é somente em função de um princípio de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades (1989, p.117)

Ou seja, as representações que visam construir uma identidade regional só obtêm sucesso se estiverem de acordo com as características culturais e/ou econômicas do grupo que visam “criar”. Apontamentos semelhantes são feitos por Maura Penna quando esta, citando Marukesen, afirma que “[...] o regionalismo não é apenas um ato volitivo ou de consciência, pois tem sua origem em fontes concretas de diferenciação”. (1992, p.35)

É extremamente difícil estabelecer um conceito específico de identidade. Assim como acontece com o de “Imaginário social”, este também é operacionalizado de maneiras distintas por diversos estudiosos, entretanto é possível estabelecer que ela adquire sentido “[...] por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (TADEU, 2000. P.8). É através das representações que as identidades são expressas, comunicadas e internacionalizadas. Neste ponto seguimos Albuquerque Júnior - desde que seja entendida nossa ressalva teórica mencionada acima- quando este afirma a importância da literatura na construção da identidade nordestina. (ALBUQUERQUE, 2013).

Por fim, reafirmamos nossa ideia de que, ao representarem a região e as pessoas que nela viviam, os escritores ofereceram uma grande contribuição à construção do imaginário social a respeito do Nordeste de modo que, desde meados do século XX, ele “existe”. “Existe enquanto referencial disponível que auxilia a dar sentido ao mundo e às experiências de vida, no âmbito da sociedade brasileira” (PENNA, 1992, p.18).

O imaginário, como toda representação, é passível de ser ressignificada e apropriada por diversos grupos de múltiplas maneiras. Por diversos motivos que escapam ao objetivo de discussão deste artigo, as representações acerca da região foram lidas de maneira pejorativa –especialmente pela imprensa de outras regiões- e o Nordeste passou a ser veiculado com a imagem de uma região que criou um outro rimo





histórico, marcado pelo atraso nas relações sociais, nas formas de exercício de poder, nas expressões religiosas e etc. (BERNARDES, 2007)

A força deste preconceito é tão grande que torna difícil construir novas representações a respeito da região. Não obstante esta situação, existem discursos que visam enfrentar estes preconceitos. Analisar dois destes discursos é o objetivo da próxima seção deste artigo.

O NORDESTE DE RONALDO CORREIA DE BRITO

O Nordeste foi a região brasileira que mais cresceu economicamente entre as décadas de 1960 e 1980 (SANTOS, HELAL. 2004). Em que pese uma diminuição deste ritmo nos anos 90 com a implementação de políticas neoliberais, a região continuou crescendo e, no início do século XXI, já possuía um PIB composto por atividades diversas dentre as quais destacam-se os setores de serviço e a indústria. Nos anos 2000 “[...] o PIB cresce mais do que a média nacional, [...], a renda per capita [...] também cresceu mais do que a média brasileira, [...] o nível de emprego ficou mais próximo da média nacional” (MONTENEGRO, GONÇÁLVES, AGRA, 2017.).

Foi dentre este período que os estados nordestinos foram se integrando à economia nacional e internacional, a industrialização foi acompanhada por um intenso processo de urbanização. No entanto, é preciso destacar que esta situação não acabou com os problemas sociais do território : Em 2010 a região possuía a menor renda per capita do país, ainda era dotada de altos níveis de analfabetismo, a concentração de renda – e a consequente desigualdade social- ainda era gritante.

É neste –e sobre este - contexto que Ronaldo Correia de Brito escreve suas obras. O escritor, nascido no sertão do Ceará mas radicado em Pernambuco, formou-se médico pela UFPE e foi escritor residente na universidade de Berkley. Publicou, entre outras coisas, três livros de contos, um de crônicas e três romances. Neste artigo iremos nos centrar em dois de seus romances: Galileia (2008) - livro vencedor do prêmio São Paulo de literatura- e Dora Sem Véu(2018).

Em Galileia é abordada a história de Adonias, um médico que nasceu no sertão do Ceará e que se mudou para o Recife para estudar e acabou ficando por lá. No





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

romance ele volta com outros três primos para a fazenda onde nasceu em virtude do aniversário e do adoecimento do avô, Raimundo Caetano.

Já em *Dora sem Véu* o escritor assume a voz feminina para narrar a volta de uma socióloga à região onde seu pai nasceu. Francisca percorre as ruas de Juazeiro em busca de Dora, a avó que nunca conheceu e que, até pouco tempo, sequer sabia que existia.

Em ambos escritos fica latente uma das principais características de Brito: o seu “olhar literário”, ou seja, sua capacidade de reconstruir “[...] a materialidade da pedra sob a forma de um texto.” (PESAVENTO, 2002, p.10). Extremamente atento às questões que permeiam o mundo à sua volta, especialmente no que está relacionado ao Nordeste, ele faz constantemente uso da história e da análise social para construir seus escritos.

Os personagens principais de ambos romances analisados neste artigo se assustam com as mudanças sociais pelas quais passou a região onde nasceram. Neste sentido, Adonias observa em silêncio as casas com antenas parabólicas no telhado e afirma não conseguir “[...] imaginá-las atravessando a porta para os afazeres nos currais e roçados, depois de se intoxicarem de novelas” (BRITO, 2008, p.15), ao passo de que Francisca percebe que “[...] O sertão mudou ligeiro demais e eu demoro a me acostumar” (BRITO, 2018,p.42).

O que parece ficar evidente é que o autor busca mostrar que a globalização, entendida neste trabalho como processo de integração econômica e sociocultural entre as sociedades, chegou ao mundo sertanejo e está mudando as formas de agir e de pensar das pessoas daquela região. Esta conexão é repleta de contradições e tensões pois ao mesmo tempo em que moderniza, causa uma série de problemas.

Exemplo disso é que os Rego Castro – família do protagonista adonias- que ainda permanecem na fazenda Galileia tiveram seu modo de vida profundamente alterado com o advento das novas relações sociais e econômicas. A família, que era famosa pelo plantio de algodão e pela criação de bovinos, foi afetada pelo agronegócio e investiu no fabrico de redes artesanais de modo que “[...] os quartos de dormir, as





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

salas de estar e os terraços da casa foram ocupados por máquinas de costura e fiação” (BRITO, 2008,p.60)

A nova atividade não trouxe prosperidade. Pelo contrário, guiados pelo olhar de Adonias podemos perceber a degradação: Onde antes existia riqueza ele avista “[...] o curral vazio ao lado da casa, velho, sem vacas nem bois, sem cheiro de esterco, as paredes desmoronando, as traves partidas” (BRITO, 2008,p.35). Situações semelhantes são observadas por Francisca que, de maneira poética, “[...] enxerga a plenitude da miséria em torno, o lixo descendo pelas encostas, restos de mato, poças d’agua e riachos que no passado eram exuberantes e agora são indefinidos como as pinturas de um Monet velho e quase cego”(BRITO, 2018, p.15)

Embora chame atenção para a degradação que está ocorrendo, é importante destacar, entretanto, que ele não constrói – diferente de escritores como José Lins do Rego- uma visão saudosista do passado uma vez que destaca, em diversas passagens, a crueldade e problemas da época.

O bodegueiro percebe minha desconfiança. Terá se ofendido? Acho que fui injusto. Não sei, os tempos mudaram.[...] Antigamente, falo como um velho ranzinza, ninguém o carregaria de lá .Antigamente não existiam computadores. No máximo, um bando de cangaceiros aparecia e estuprava as mulheres da casa, roubava, matava e dançava até o dia amanhecer. (BRITO, 2008, p.34-35)

Minha hipótese é de que ele escreve para chamar atenção para os problemas atuais que acometem o Nordeste. Diferente de muitas representações que compuseram o imaginário social nordestino- e em grande medida contrapondo-se a estas- na literatura de Brito o principal problema não é a seca, o que se apresenta como urgente é a violência, o desemprego e a desigualdade social .Neste ponto parece aproximar-se de uma visão da globalização como perversa (SANTOS, 2010)

Para Santos

Seja qual for o ângulo pelo qual se examinem as situações características do período atual, a realidade pode ser vista como uma fábrica de perversidade. A fome deixa de ser um fato isolado ou ocasional e passa a ser um dado generalizado e permanente. [...] O desemprego é tornado algo comum. Ao mesmo tempo, ficou mais difícil do que antes atribuir educação de qualidade e, mesmo, acabar com o analfabetismo. A pobreza também aumenta.(2010, p.58-59)





As consequências sociais deste processo de empobrecimento e de degradação social são descritas por Brito de maneira crua e tocante em Galileia. Em uma conversa com seu primo Davi, Adonias entende o motivo do posto de gasolina em que se encontravam ser tão movimentado

-[...] Quando fui ao banheiro vi dois motoristas tomando banho. Depois vi um deles entrando com um menino na boleia do carro. Devia ter uns catorze anos

-Ah, você não sabe dessas coisas, vive fora há tempos. Nessa rota transitam caminhões e motoristas solitários, carentes de sexo. Eles passam semanas sem encontrar as esposas. Os meninos e as meninas se oferecem nos postos de gasolina. São pobres e, não frequentam escola, ninguém cuida deles. Vão passar fome? O jeito é se prostituir. Fazer o quê? A grana das minas de gesso não chega às casas dele.(BRITO, 2008, p.81-82)

Já Francisca percebe, com tristeza “[...] o crescimento da violência junto com a modernização” (BRITO, 2018,p.163). Essa violência é resultado direto de uma sociedade onde o individualismo é a regra e toda e qualquer noção de solidariedade é destruída paulatinamente. Neste mundo a própria ideia de cidadania é substituída pela de consumo. (SANTOS, 2010).

No atual estágio de globalização o consumo é “[...] um veículo de narcisismos, por meio de seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente”(SANTOS, 2010,p.49) Isto pode ser percebido de maneira clara em uma das passagens de Galileia onde um pai narra um crime praticado pelo seu filho.

O rapazinho meu filho roubou o aparelho por vaidade, por luxo. E foi preso porque arrombou a loja. Desceu pelo telado, quebrou o gesso e levou o celular mais caro. Descobriram fácil que foi ele. É um besta, coitado, nem sabe direito o que fez. Toda noite, quando ia pra escola, na cidade que o senhor passou, ele ficava imitando que telefonava pra se mostrar aos colegas. (BRITO,2009, p.39).

Os estímulos estéticos adquirem um papel preponderante na fomentação do consumo. Santos chama atenção para a ideia de que, na contemporaneidade, as empresas “produzem o consumidor antes do produto”, ou seja, utilizam-se da propaganda e da publicidade para despertar o desejo de possuir um bem ou produto (SANTOS, 2010,p.47-48). Ao acompanharmos a continuação do relato descrito anteriormente nos deparamos com uma informação que parece condizer com as postas





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

pelo geógrafo, já que o telefone roubado “Nem pegar pega. Pode pegar o seu agora e testar. Pega? Pega não! Ele viu na televisão e achou bonito” (BRITO,2009, p38).

O processo globalizador também provoca mudanças culturais. Neste ponto, entretanto, é preciso destacar que, longe de homogeneizar o mundo criando a fábula de uma “comunidade global” (SANTOS, 2010), o que realmente ocorre é uma hibridação cultural definida como “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de formas separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas “ (CANCLINI, 2008, p.19).

De acordo esta visão, os elementos culturais “arcaicos” estabelecem relações complexas com a modernidade, ora mesclando-se a esta, ora resistindo à mesma. Um exemplo da primeira situação é percebido no caso da banda de forró prestigiada pro Adonias onde

Os músicos arrumam os instrumentos: teclado, guitarra, baixo, sanfona e bateria. Um rapaz que bebia no balcão se encaminha para o grupo. É o vocalista. Usa três argolas na orelha esquerda, um percing no nariz e roupa preta brilhosa. Passa a mão nos cabelos pintados de louro, endurecidos pelo excesso de gel fixador.[...] o dono da bodega reconhece que somos de fora, outro tipo de gente. Retorna à nossa mesa, desculpa-se pelo transtorno, é apenas o ensaio de uma banda de forró. (BRITO, 2009 p.34)

A cena é sintomática pois, caso o dono da bodega não tivesse avisado, dificilmente o leitor ou os presentes perceberiam que se tratava de uma banda de forró. O estereotipado trio de forró que toca em um restaurante é substituído por um grupo musical que, embora toque forró, esteticamente assemelha-se à bandas de rock.

Já a persistência de traços culturais tradicionais pode ser visualizada em uma cena de *Dora sem Véu* onde Francisca percebe que “O costume de pedir desculpas ou narrar acontecimentos narrando histórias ainda não desapareceu no sertão” (BRITO, 2018,p.20). O próprio escritor expõe explicitamente essa ideia de resistência em uma passagem onde defende que “A cultura sertaneja, por mais que apontasse para a desintegração do mundo e de seus valores, parecia guardar os últimos resquícios de uma sociedade mítica” (BRITO, 2018,p.17)





Diante das passagens analisadas acima é possível perceber que Brito realiza, em sua literatura, um questionamento a respeito da própria imagem do Nordeste. O autor visa, ao mesmo tempo, combater os estereótipos existentes a respeito da região e problematizar as dificuldades e problemas enfrentados pelos habitantes da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo nos propomos a atingir dois objetivos: Oferecer a noção do Nordeste enquanto imaginário social e analisar, ainda que de maneira breve, uma representação literária que busca se contrapor à leitura preconceituosa deste imaginário. Esperamos que este trabalho sirva de estímulo à novas pesquisas na mesma temática uma vez que consideramos que a construção de conhecimento é um dos primeiros passos para a luta contra a ignorância que é a raiz de todo preconceito.

Em uma época onde declarações notadamente xenófobas são pronunciadas pelo líder do executivo, torna-se cada vez mais necessário utilizar de nossas ferramentas para mostrar que, nos dizeres de um autor anônimo, o Nordeste é maior do que qualquer preconceito!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo:Cortez. 2011.

_____. Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste

1920 1940). Maceió: Catavento. 2003.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. Lua Nova, São Paulo, n. 71, p. 41-79, 2007

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001,





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Helóisa. P. Cintrão. 4 ed. São Paulo> Edusp, 2008.

CÂNDIDO. Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

Carvalho, Francismar Alex Lopes de. O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES COLETIVAS SEGUNDO ROGER CHARTIER. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 9,núm. 1, 2005, pp. 143-165

ESPIG, Marcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. Textura- Revista de educação e letras. Canoas. V. 5, N.9 – 2003

MACHADO, Franciele. Sobre as dimensões da representação histórica na obra de Roger Chartier : das relações teóricas à instrumentalização da representação. Dissertação de mestrado – UFRGS. Rio grande do Sul. 110p. 2016

NAVARRETE. Eduardo Roger Chartier e a literatura. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v. 2 n° 3 p.23-56 Set./Dez. 2011

PENNA, Maura. "O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina".São Paulo: Cortez, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400 p.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história : imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS. Elisabeth Cavalcante. HELAL. Diogo Henrique. O moderno e o tradicional no agreste de Pernambuco. Ci. & Tróp. Recife, v. 42, n. 1, p. 163-188, 2018





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

SILVA, Tomaz Tadeu. Org ; HALL, Stuart, WOODWARD, Kahtiryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Editora vozes. 2000

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional. São Paulo: Ed. Moderna, 1984

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997

